

# A distribuição de informações em editoriais de jornais: uma análise a partir do modelo CARS

Socorro Cláudia Tavares de Sousa  
Universidade Federal do Ceará

**ABSTRACT:** *This paper uses the Swales CARS model to describe the editorial genre as well as to identify and delimit its rhetoric units and to formalize preliminary model of content distribution in this kind of genre. It was taken a corpus of sixteen editorial texts and the analysis identified five information units (title, thesis presentation, thesis explanation, argumentation and indication of publisher point of view). Through this rhetoric model, it was possible to conclude that the editorial text organization is structured on the argumentative type.*

**PALAVRAS-CHAVE:** gênero; editorial; unidades retóricas.

## Introdução

As pesquisas sobre os gêneros textuais têm sido ampliadas nas comunidades discursivas acadêmicas ao mesmo tempo em que a literatura sobre o assunto tem se tornado a cada dia mais abrangente. Bhatia (1997) esclarece que o conceito de gênero encontrou seu momento oportuno, haja vista esse assunto não se restringir a um grupo específico de pesquisadores de uma área particular ou de um setor qualquer, mas crescer a tal ponto que permite agrupar sob o mesmo abrigo terminológico críticos literários, retóricos, sociólogos, cientistas cognitivistas, dentre outros.

Em Linguística, o modelo de Swales (1990) tem-se apresentado como uma alternativa para o conhecimento mais aprofundado sobre a estrutura organizacional de alguns gêneros acadêmicos, tais como, resumos e resenhas (Biasi-Rodrigues, 1998; Bezerra, 2001). Partindo dessas pesquisas buscou-se adaptar esse modelo em textos de domínio jornalístico.

Este trabalho parte da análise de editoriais, num total de 16 exemplares escolhidos aleatoriamente no jornal Diário do Nordeste durante o período de fevereiro e março do ano de 2002. A escolha pelo Diário do Nordeste justifica-se porque este periódico tem grande circulação em todo o país.

A presente pesquisa busca descrever o gênero editorial a partir de variados critérios, tais como, o formato, o propósito comunicativo, a audiência, o conteúdo proposicional, dentre outros, bem como, analisar a distribuição das informações em cada editorial, com o objetivo de identificar e delimitar unidades temáticas e de formalizar um modelo preliminar da distribuição do conteúdo informativo em editoriais de jornais. Vale ressaltar, que não se tem a pretensão de apresentar um padrão descritivo da organização do gênero, mas analisar um quadro descritivo que represente as regularidades dos exemplares em estudo.

O conteúdo informativo da pesquisa está distribuído em três partes: a primeira é uma fundamentação teórica dividida em duas seções: descrevendo o gênero editorial, discutindo o conceito de comunidade discursiva; a segunda parte é uma análise da distribuição do corpus a partir do modelo de Swales (*Create a Research Space*).

Este trabalho assume um nível de abrangência tal que poderá interessar a estudantes tanto de cursos de Letras quanto de Comunicação Social, pois ao pesquisar editorial evidencia-se o papel e a função social desse gênero do discurso em nossa sociedade.

## 1. Descrevendo o gênero editorial

Partindo do princípio de que os gêneros do discurso não

podem ser considerados como formas que se encontram à disposição do locutor a fim de que este molde seu enunciado nessas formas cumpre, pois, estabelecer critérios capazes de identificar um dado gênero, haja vista o editorial ser uma atividade social de linguagem e que se submete a um conjunto de condições de êxito (Maingueneau, 2001). Para fins de descrição dessa pesquisa, Andrade (2002) propõe a aplicação dos critérios de Silva (1997) para a descrição de editoriais. Esses critérios levam em consideração três níveis: o primeiro, que avalia as estruturas discursivas internas à língua; o segundo, que se relaciona com os usos das estruturas discursivas em circunstâncias reais de comunicação; e o terceiro, que examina a função/propósito comunicativo dos usos das estruturas discursivas em circunstâncias reais de comunicação. Estabelecidos os critérios, o editorial pode ser classificado num primeiro nível como um texto -narrativo, ±descritivo, +expositivo/argumentativo, ±expressivo, -dialógico e -procedural. Quanto ao segundo nível, os usos comunicativos do editorial estão relacionados com mais jornal, ±jornal e revista, ± revista, ± literatura-científica, ±literatura-cotidiana, ± literatura-arte, -literatura-jurídica, +adulto, ±jovem, -infantil, -fala, +escrita, ±reportado, -desenho, -informativo, +opinativo. Num terceiro nível, as unidades argumentativas estão em um patamar +conativo, -referencial, ±expressivo, -poético, -fático, -metalingüístico.

Dentro dessa perspectiva, selecionaram-se alguns critérios considerados essenciais na descrição do editorial. A partir do propósito comunicativo, classificou-se o editorial como um gênero jornalístico opinativo que manifesta a opinião do grupo proprietário e administrador do jornal sobre os fatos, visando orientar os indivíduos de per si e a comunidade em geral. Porque orienta o pensamento social tem a propriedade de exprimir não só a opinião sedimentada como, sobretudo, a opinião que se está formando. Quanto ao conteúdo, o editorial aborda assuntos e problemas de natureza social, econômica e política decorrentes do exame de fatos da atualidade. No que concerne à audiência, o leitor de editoriais busca nesse gênero a explicação enciclopédica ou profética sobre o que está acontecendo ao seu redor e até mesmo daquilo que vai acontecer. Esse leitor deseja mais informação do que as notícias oferecem e procura alguma interpretação de seus significados e conseqüências. Destina-se, portanto, a formadores de opinião, tais como jornalistas, empresários, políticos dentre outros.

Quanto ao formato e posicionamento, o espaço ocupado pelo editorial não é superior a um quarto de página. A composição é feita em tipos maiores com distância que facilite a leitura. A tendência atual é para os editoriais ficarem cada vez mais curtos. O tamanho médio dos editoriais em todo o país é de apenas 300 palavras. Especificamente no Diário do Nordeste, o editorial

ocupa aproximadamente 21cm de altura para 25 de largura, devendo ter em média 2800 toques, incluindo letras e espaços em branco. Quanto aos recursos lingüísticos utilizados o editorial caracteriza-se pela impessoalidade. Essa marca pode ser detectada através dos verbos empregados que geralmente estão em 1ª pessoa do plural ou 3ª pessoa do singular, como também, pelo fato de o texto não vir assinado. A linguagem do editorial é simples, direta e incisiva, não utiliza termos empolados e frases demasiado longas. Nesse sentido, busca-se a justa medida entre a erudição e a simplicidade.

Um outro aspecto que merece ser ressaltado é a intertextualidade, o editorial nasce da notícia e dela pode transcender ou adiantar-se. Em outras palavras, suas temáticas geralmente têm uma relação direta ou indireta com as manchetes da primeira página. Quanto à estrutura composicional, Guimarães (1992) apresenta um esquema textual caracterizado pelas categorias de definição, contendo o evento, organizado pelo fato noticioso acompanhado de comentário; de explanação, contendo as causas e as conseqüências; de avaliação, compreendendo um processo estimativo no qual se estabelece o valor de bem e de mal para o evento e finalmente a conclusão ou moral, abrindo perspectivas.

## 2. Discutindo o conceito de comunidade discursiva

Ao se abordar gênero textual significa também tratar de comunidade discursiva, haja vista esses conceitos estarem imbricados em Swales. Para este teórico os gêneros se estabelecem na comunidade discursiva a qual pertencem e carregam traços de semelhanças no que se refere aos propósitos comunicativos e à estrutura. Nesse sentido convém esclarecer o que seja comunidade discursiva. Swales (1992) estabeleceu critérios de classificação de comunidade discursiva, redefinindo-a da seguinte forma: uma comunidade discursiva possui um conjunto perceptível de objetivos; possui mecanismos de intercomunicação entre seus membros; usa mecanismos de participação para uma série de propósitos; utiliza uma seleção crescente de gêneros no alcance de seu conjunto de objetivos e na prática de seus mecanismos participativos; já adquiriu e ainda continua buscando uma terminologia específica; possui uma estrutura hierárquica explícita ou implícita que orienta os processos de admissão e do progresso dentro dela.

Segundo Bonini (2002), o conceito de Swales para comunidade discursiva apresenta problemas na classificação de gêneros de mídia aberta, como é o caso dos jornais. Vejamos seus argumentos: no que se refere ao conjunto perceptível de objetivos, o autor esclarece que estes podem variar de emissores para receptores; quanto aos mecanismos de intercomunicação entre os seus membros, o que existem são mecanismos de comunicação; já esses mecanismos de comunicação não são participatórios, pelo menos diretamente, e os propósitos que os movem não são claramente determináveis; quanto à seleção crescente de gêneros, esta é seletiva e evoluinte desses mecanismos de comunicação e obedece a vários critérios, inclusive o do valor comercial da informação; quanto ao vocabulário, existe realmente um léxico específico, mas esse léxico de que o jornalista se apropria não é transmitido aos seus leitores; no que concerne à estrutura hierárquica de entrada e ascensão na comunidade, esta é difícil de ser detectada.

Como resultado dessa reflexão, Bonini (2002) refaz a classificação de Bakhtin sobre os gêneros discursivos. Para gêneros como o editorial, ele propõe a terminologia de gêneros terciários ou transcomunitários, pois estes gêneros fazem parte

de uma comunidade discursiva complexa que se caracteriza por existir um núcleo de indivíduos detentores de poderes sobre o manejo dos gêneros e que trabalham em função de receptores que atuam de modo bastante indireto na condução dos atos discursivos. Enfim, a comunidade discursiva de Swales não é adequada para a descrição da comunidade discursiva dos jornalistas.

## 3. Análise de editoriais a partir do modelo CARS

Em consonância com o objetivo da pesquisa que é formalizar um modelo preliminar de distribuição das informações em editoriais de jornal, recorreu-se ao modelo CARS (*create a research space* – criar um espaço de pesquisa) proposto por Swales. Esse modelo foi desenvolvido a partir da análise de introduções de artigos de pesquisa. O exame da estrutura retórica de exemplares de gênero assumiu, através de Swales, a forma de um modelo constituído de *moves* (unidades maiores) e *steps* (subunidades dos moves). O modelo experimentou uma reformulação, passando de sua composição inicial em quatro *moves* para a versão final composta de apenas três *moves*, que são estabelecendo um território, estabelecendo um nicho e ocupando o nicho. Esse modelo ficou solidamente estabelecido na academia, sendo objeto de constantes reformulações e adaptações para a análise da distribuição de informações em diferentes gêneros acadêmicos ou profissionais. Por essa razão, acredita-se ser possível testá-lo no mapeamento do gênero jornalístico editorial. Adotou-se a terminologia de Biasi-Rodrigues (1998) unidades retóricas no lugar de *moves* e subunidades no lugar de *steps*. As unidades retóricas representam blocos de textos maiores que não estão necessariamente estabelecidos num parágrafo ou numa frase, mas que contém informações significativas dentro da estrutura global de um determinado gênero. As subunidades são partes integrantes dos movimentos e podem ser opcionais ou obrigatórios.

Para se apresentar uma proposta da organização retórica de editoriais, fez-se necessária uma análise da distribuição das informações em todos os exemplares. A partir dessa análise do corpus, foi possível detectar um “padrão” revelado pelos dados para a descrição da organização retórica de editoriais de jornais, conforme o quadro 1 abaixo:

**Quadro 1 - Descrição da estrutura retórica de editoriais**

<b>Unidade retórica 1</b>	– Indicação do tema
<b>Unidade retórica 2</b>	– Apresentação da tese
<b>Unidade retórica 3</b>	– Explicação da tese
<b>Unidade retórica 4</b>	– Argumentação sobre a tese
Subunidade 1	– Argumentos convergentes e/ou
Subunidade 2	– Argumentos divergentes
<b>Unidade retórica 5</b>	– Indicação da posição do jornal

Delineou-se, portanto, um modelo de distribuição das informações que compreende cinco unidades temáticas de informação, denominadas unidades retóricas. A quarta unidade é realizada por subunidades retóricas opcionais, isto é, podem ocorrer em conjunto ou separadamente. Vale ressaltar que as unidades e subunidades retóricas que compõem a presente proposta foram delimitadas por pistas léxico-semânticas que permitem identificar o conteúdo de cada uma. Nem sempre uma unidade coincide com o término de uma sentença ou parágrafo, algumas vezes uma mesma sentença contém mais de uma unidade ou apresenta-se sobreposta ou imbricada e nem sempre é possível demarcar fisicamente as fronteiras entre uma unidade e outra.

Segue a função da estrutura retórica de cada unidade:

#### **Unidade retórica 1 – Indicação do tema**

A unidade retórica 1 é o espaço em que o jornalista do editorial indica o tema que será discutido e chama a atenção do leitor para o assunto que será exposto no corpo do texto. A partir dessa unidade podem se fazer as inferências possíveis no que diz respeito às informações que serão apresentadas.

#### **Unidade retórica 2 – Apresentação da tese**

A unidade retórica 2 é o espaço em que o jornalista apresenta a temática que irá discutir. Nessa unidade apresenta-se sinteticamente o assunto que será discorrido no decorrer do texto, é um bloco de informação introdutório a fim de confirmar ou não as pressuposições da unidade 1. A informação contida nessa unidade faz o leitor adentrar-se paulatinamente nas outras unidades.

#### **Unidade retórica 3 – Explicação da tese**

Nessa unidade verifica-se uma tentativa de situar o leitor nas discussões que serão ou já foram travadas. Apresenta-se uma contextualização do tema visando um maior esclarecimento do leitor para o que será tratado.

#### **Unidade retórica 4 – Argumentando sobre a tese**

É na unidade retórica 4 que estão apresentados os argumentos que irão fundamentar a tese. Estes argumentos são dispostos de diversas formas, tais como, fatos, exemplos, ilustrações, dados estatísticos, dentre outros. Enfim, os jornalistas utilizam recursos lingüísticos variados na elaboração e desenvolvimento de seus argumentos. Nesta unidade podem aparecer simultaneamente ou não duas subunidades: os argumentos convergentes e os divergentes. Os convergentes fortalecem diretamente a tese do jornalista, os divergentes indiretamente. Indiretamente, porque são apresentados como estratégia para serem refutados ou suplantados pelos convergentes. Essa classificação em argumentos convergentes e divergentes está em consonância com a unidade retórica 5, visto que convergente é aquele tipo de argumento que está de acordo com a posição do jornal e divergente é o que se posiciona contrário a ela.

#### **Unidade retórica 5 – Indicando a posição do jornal**

Nesta unidade é apresentada a posição do jornal diante da tese que está sendo discutida. O editorial se caracteriza por apresentar um diagnóstico e uma receita para a questão em pauta, acredita-se que o juízo de valor, seja de ponderação, reclamação ou indignação, que se dá à questão discutida encontra-se claramente definida nessa unidade. Acredita-se-se que a essência do editorial está nessa unidade retórica, isto é, todas as outras unidades convergem para afirmar o que está posto nesse movimento. Daí considerar-se essa unidade o cerne de textos editoriais. Acrescenta-se que ela localizou-se, nos textos pesquisados, sempre na última posição.

#### **Discussão dos resultados**

A partir desta pesquisa, apresentaram-se cinco unidades retóricas básicas e duas opções de subunidades na distribuição de informações em editoriais de jornais. Detectou-se uma certa regularidade na apresentação dessas unidades, de forma que

43,1% dos editoriais analisados apresentou a seguinte ordem: a primeira unidade retórica, seguida da segunda, da terceira, da quarta e finalmente da quinta. Quanto às subunidades, 87,50% dos editoriais apresentaram as duas subunidades, apenas 12,50% apresentaram somente uma subunidade. A unidade retórica 3 vem geralmente disposta após a unidade retórica 2. Registrou-se um percentual de 75% nessa posição. Já a unidade 5 localiza-se sempre na última posição. Em alguns exemplares observou-se um tom de ironia e até de brincadeira nesta unidade ao concluir o assunto discorrido. Acredita-se que a utilização desse recurso estilístico se justifique por conta do jornalista desejar chamar a atenção do leitor para a definição do jornal.

Verificou-se, ainda, que é possível adaptar o modelo de Swales em um gênero do domínio jornalístico, ampliando assim as possibilidades de sua utilização em diferentes gêneros não somente os acadêmicos, como resenhas e resumos de dissertação dentre outros.

Convém acrescentar que há necessidade de se dar continuidade a essa pesquisa à medida que ficam lacunas no que concerne ao estudo da polifonia e da intertextualidade em editoriais, bem como, de certos aspectos lingüísticos como o emprego dos modalizadores e os aspectos da enunciação presentes nesse gênero no que se refere às categorias de pessoa, espaço e tempo.

#### **Referências bibliográficas**

- ANDRADE, Mara Lúcia Fabrício de. *Gêneros e tipos: uma aproximação*. <http://www.filologia.org.br/soletras/2/06.htm>, 25/02/2002.
- ANDRADE, Maria Margarida de. ; MEDEIROS, João Bosco. *Comunicação em língua portuguesa: para cursos de jornalismo, propaganda e letras*. 2.ed. São Paulo, Atlas, 2000.
- BIASI-RODRIGUES, Bernardete. *Estratégias de condução de informação em resumos de dissertações*. (Tese de doutorado), UFSC, 1998.
- BHATIA, Vijay K. Genre analyses today. *Revue Belge de Philologie et d'Historie*, Bruxelas, 75: 629-652 1997.
- BONINI, Adair. *Gêneros textuais e cognição: um estudo sobre a organização cognitiva da identidade do texto*. Florianópolis, Insular, 2002.
- GUIMARÃES, Doroti Maroldi. "Considerações sobre o esquema textual de editoriais". In: *Sellip*, 5, 1991, Guarapava, PR. Anais, Maringá, 1992.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.
- SWALES, John M. R. Re-thinking genre: another look at discourse community effects. In: *Re-thinking genre colloquium*, 1992, Carleton university, Ottawa, mimeo.